

INSTITUTO
SOCIOAMBIENTAL
Documentação
Fonte FS (mais!)
Data 15/10/2000 Pg 26-28
Class. 101

+ ciência

A outra foz do Orinoco

INSTITUTO	
	
Documentação	
Fonte	FSP (mais!)
Data	15/10/2002 Pg 27
Class.	131

Juan Pratginestós

Vista aérea do local onde o canal do Cassiquiare se desprende do rio Orinoco e se estende rumo ao Negro

Expedição da Universidade de Brasília refaz trajeto do explorador alemão Alexander von Humboldt (1769-1859) 200 anos depois e revela que o maior rio da Venezuela é também um dos formadores do Amazonas

Jaime Sautchuk

especial para a **Folha**

O rio Orinoco, que drena 70% do território venezuelano, é um dos dois principais formadores do rio Negro e, portanto, do Amazonas. O canal do Cassiquiare, ligação natural do Orinoco ao Negro, descoberto em 1744, não é um simples canal, como se imaginava, e desempenha papel muito mais relevante na geografia da região.

O Cassiquiare é, isso sim, um defluente (contrário de afluente) do Orinoco. Ele se separa do curso principal desse rio para juntar-se ao colombiano Guainía e formar o Negro, próximo da fronteira dos dois países com o Brasil. E corre sempre no mesmo sentido.

A constatação é de membros da Expedição Humboldt Amazônia 2000, organizada pela Universidade de Brasília (UnB), após analisarem a geologia e o relevo da região e constatarem a direção do fluxo da água. O grupo é composto por 39 cientistas, que percorrerão até novembro cerca de 7.000 quilômetros de rios amazônicos.

“É um caso único no mundo”, diz o hidrólogo francês Alain Laraque, autor das medições realizadas no início de setembro. Com equipamentos de ponta, as aferições são as primeiras feitas no Cassiquiare em cem anos. São medidas de temperatura, condutividade elétrica, turbidez, pH, batimetria, velocidade da correnteza e localização por GPS (Sistema de Posicionamento Global).

Ao deixar o Orinoco, ele atinge velocidade e profundidade maiores que as do rio principal. Ali, sua largura é de 50 m e sua água é marrom. Depois de percorrer 320 km e receber inúmeros afluentes de água escura, o Cassiquiare vai mudando de cor, e atinge uma largura de 500 m ao encontrar-se com o Guainía, também preto.

Ambos são rios de planície, que retiram pouco sedimento de seus leitos. A cor escura de sua água deve-se à decomposição de matéria orgânica da floresta. São verdadeiros xaropes de plantas, com elevada acidez. Daí a escassa presença de peixes nessas águas.

Daí, também, a diferença em relação aos rios de montanha, como o próprio Orinoco e, depois, o Solimões.

Este vem dos Andes peruanos e forma o Amazonas, ao encontrar-se com o Negro, gerando o famoso “encontro das águas”, na altura da cidade de Manaus (AM).

A região cortada pelo Cassiquiare é de planície, um enorme vale entre os Andes e o maciço da Guiana, onde estão as serras do Imeri, Parima, Pacaraima e Tumucumaque. É um parque nacional venezuelano, de selva amazônica, habitado principalmente por índios das etnias iecuana e ianomâmi. A floresta, praticamente intocada, ocupa as margens do canal em toda a extensão.

Como a maioria dos rios da região, o Cassiquiare é navegável na maior parte do ano por embarcações grandes. No período de menos chuvas na região (dezembro a março), sua profundidade diminui, dificultando a navegação. De qualquer modo, ele quase não é usado como meio de transporte entre Brasil e Venezuela.

Humboldt barrado O viajante alemão Alexander von Humboldt percorreu a região e transpôs o Cassiquiare em 1800, chegando até a fronteira com o Brasil, já no rio Negro. Ali, foi detido pelas autoridades portuguesas e impedido de entrar no território brasileiro.

A expedição da UnB, 200 anos depois, presta homenagem ao cientista, percorrendo o trajeto que ele fez e o que pretendia fazer. Seus dois coordenadores, o historiador Victor Leonardi e o biólogo Cezar Martins de Sá, ambos da universidade, afirmam que não esperavam resultados tão positivos no que se refere ao verdadeiro papel do canal do Cassiquiare na região.

Na parte venezuelana, a expedição contou com a participação da Universidade Simón Bolívar, uma das principais instituições universitárias da Venezuela. Um grupo de seus pesquisadores acompanhou as medições.

Até 1950, o rio Orinoco era navegado apenas até poucos quilômetros acima do Cassiquiare, onde está a vila de La Esmeralda. É uma mistura de aldeia iecuana com missão religiosa católica e base militar. Acima dali, o rio tem muitas corredeiras, o que fazia supor que suas nascentes estivessem bem próximas.

+ ciência

A rigorosa legislação venezuelana sobre a entrada de cientistas estrangeiros limitou pesquisas naquele país

Juan Pratginestós

Continuação da pág. 27

Foi só em 1951 que uma missão venezuelana localizou a nascente do Orinoco, 350 km acima de La Esmeralda, próximo à fronteira com o Brasil. Ela está a cerca de 200 km a leste do pico da Neblina. Nos dois lados da fronteira, há cerca de 15 anos, ocorreu um surto de garimpo, hoje bastante reduzido.

A última povoação não-indígena na entrada do Cassiquiare é uma missão da entidade norte-americana New Tribes. Há muitas aldeias indígenas, inclusive ianomâmis, em toda a extensão do parque. Só depois do seu encontro com o Guainía, formando o rio Negro, é que surgem povoações maiores.

As primeiras são as cidades de San Carlos de Rio Negro, do lado venezuelano, e de San Felipe, no colombiano. Meños de cem quilômetros rio abaixo, está o povoado de Cucuí, a primeira localidade brasileira, pertencente ao município de São Gabriel da Cachoeira (AM). Há uma estrada de terra, com 240 km de extensão, ligando Cucuí à sede do município. Mas o rio continua sendo a principal via de transporte por ali.

De helicóptero O único trabalho de pesquisa feito pela expedição Humboldt na Venezuela foi este do Cassiquiare. De resto, a missão foi considerada de intercâmbio científico-cultural, devido ao rigor das leis daquele país quanto a pesquisas por estrangeiros. Em algumas áreas de fronteira, a expedição viajou em helicóptero da Força Aérea venezuelana, por causa dos conflitos armados na vizinha Colômbia.

A situação colombiana, aliás, reflete-se em toda a região. O Brasil retomou o Projeto Calha Norte, há anos paralisado, e está ampliando a presença militar em toda a fronteira. Há, nessas ações, sintonia com o Plano Colômbia, iniciado pelo governo dos EUA sob o pretexto de combate ao narcotráfico.

Já em solo brasileiro, a expedição deu início a um grande número de trabalhos científicos, técnicos ou de simples interação com as comunidades ribeirinhas.

A região do alto rio Negro, conhecida como Cabeça do Cachorro, hoje é formada, em sua maior parte, por terras indígenas ou unidades de conservação. Ali mais de 30 mil índios estão organizados em 42 associações, e essas formam a forte Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirn).

Em São Gabriel, a Expedição Humboldt concluiu sua primeira etapa no regresso ao Brasil. Seu primeiro trecho começou em Manaus, por terra, em 1º de setembro, entrando na Venezuela por Roraima. Ainda há três etapas até Belém do Pará, onde chegará no dia 4 de novembro. Só então haverá um relatório final de todas as atividades, que será divulgado em livro e vídeo.

Jaime Sautchuk, 47, é jornalista e ambientalista. É membro do Núcleo de Estudos da Amazônia (Neaz), da Universidade de Brasília (UnB), e integrou a Expedição Humboldt até São Gabriel da Cachoeira.



O Cassiquiare encontra-se com o rio Guainía, formando o Negro, que depois se juntará ao Solimões para formar o Amazonas

Editoria de Arte/Folha Imagem

SAIBA ONDE FICA O CASSIQUIARE

O canal na Venezuela é um defluente (contrário de afluente) do rio Orinoco

